



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FE

A BRINCADEIRA COMO UMA PEDAGOGIA POSSÍVEL DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DAS SERIES INICIAIS

KATIELEN LIVIA MOREIRA DE ABREU INATOMI NUCCI

Brasília

2015

KATIELEN LIVIA MOREIRA DE ABREU INATOMI NUCCI

A BRINCADEIRA COMO UMA PEDAGOGIA POSSÍVEL DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DAS SERIES INICIAIS

Monografia apresentada como requisito parcial para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília-UnB, campus Darcy Ribeiro- Asa Norte/Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília

2016

MONOGRAFIA DE AUTORIA DE KATIELEN LIVIA MOREIRA DE ABREU INATOMI NUCCI, INTITULADA “A BRINCADEIRA COMO UMA PEDAGOGIA POSSÍVEL DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DAS SERIES INICIAIS”, APRESENTADA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO DIPLOMA EM PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA EM 06/07/2015, DEFENDIDA E APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA ABAIXO ASSINALADA:

**PROFESSORA DR^a. SÔNIA MARISE SALLES CARVALHO -
ORIENTADORA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA**

**PROFESSORA DR^a. TERESA CRISTINA SIQUEIRA CERQUEIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**PROFESSOR DR^o. JOSÉ LUIZ VILLAR MELLA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**BRASÍLIA
2015**

DEDICATÓRIA

Dedico à minha família e principalmente a minha filha Emanuelle, ao qual dedicarei cada minuto e com certeza será, como já está sendo, minha fonte de inspiração e vontade de fazê-la feliz ao mesmo tempo que se desenvolva bem. Dedico também ao meu marido, Murillo, e ao meu pai (*in memorian*) que deixou como legado o ensinamento que a criança aprende brincando. Dedico também a todos que de alguma forma me ajudaram na conquista de mais esta vitória.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me proporcionado mais essa benção. À minha família, amigos e colegas de turma e profissão que, de alguma forma contribuíram para alcançar essa graça. Aos mestres e funcionários da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília que zelaram pelo espaço afim de promover um ambiente mais proveitoso e agradável. Em especial agradeço ao meu marido que teve toda paciência para me ajudar e contribuir com o meu trabalho, assim como a minha filha que tem sido a minha fortaleza.

Agradecimento especial: À professora Dr^a Sônia Marise, que acreditou no meu potencial, mesmo tendo algumas dificuldades, me orientou, foi paciente e transmitiu as melhores sugestões para a conclusão deste trabalho. Agradeço também a Professora Paula Cobucci que foi de muita importância na minha trajetória acadêmica, pessoal e profissional. Obrigada, pelo esforço, cuidado, carinho e dedicação que tiveram comigo, além de me motivar a continuar nesse caminho através de suas práticas, vivências e amor pelo o que faz.

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”. (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

RESUMO

A brincadeira no Ensino Fundamental, hoje é um tema que esta conquistando maior destaque na educação, no sentido de tentar entender como ocorre o processo de desenvolvimento e aprendizagem nas crianças entre seis e nove anos de idade (período que compreende o Ensino Fundamental I). Nota-se que esse crescimento está relacionado à insatisfação de muitos profissionais da educação pela qualidade de ensino.

Portanto, essa obra tem o intuito de fazer os profissionais refletirem sobre a prática docente, de modo a sugerir intervenções lúdicas, tendo como viés o uso da brincadeira como uma pedagogia possível da aprendizagem da criança das series iniciais. Para defender tal questão, a pesquisa foi fundamentada substancialmente através da análise bibliográfica de alguns autores como: Vygotsky, Henry Wallon, Cristiano Alberto Muniz, Ana Ignez B. Lima Nunes e Rosemary do Nascimento Silveira, Ângela Cristina M. Maluf e Cláudia Inês Horm et AL. A obra, primeiramente, faz uma analise conceitual sobre a aprendizagem enfatizando a brincadeira como um importante viés para o desenvolvimento do sujeito fazendo um contraponto com a metodologia e pratica de uma escola particular de Brasília. Através desse trabalho é possível perceber a importância do uso das brincadeiras na pratica docente, no sentido de intervenção pedagógica. Pois acredita-se ser de fundamental importância que a aprendizagem é mais significativa quando a criança sente prazer em aprender e a brincadeira tem esse enfoque (alem de proporcionar momentos divertidos, a criança se desenvolve melhor, pois aciona sentidos importantes para o processo de desenvolvimento).

PALAVRAS-CHAVE: educação, desenvolvimento e brincadeira.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PARTE 1: MEMORIAL	10
UMA BRINCADEIRA DA HISTORIA	10
UMA BRINCADEIRA DA HISTORIA	11
TRAJETORIA ACADEMICA.....	11
PARTE 2: MONOGRAFIA.....	16
A BRINCADEIRA COMO UMA PEDAGOGIA POSSÍVEL DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DAS SERIES INICIAIS	17
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1-.....	19
A BIOGRAFIA REFERENTE À APRENDIZAGEM, OS MÉTODOS PEDAGÓGICOS E A RELAÇÃO COM AS BRINCADEIRAS SALIENTANDO A SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO.....	20
CAPÍTULO 2-.....	25
2.1- DISCUTIR A METODOLOGIA DE UM COLÉGIO PARTICULAR DE BRASÍLIA RELACIONANDO-A COM A PRÁTICA DA ESCOLA.	25
2.2- IDENTIFICAR A UTILIZAÇÃO DESSE RECURSO PEDAGÓGICO PARA OS ESTUDANTES DE MODO A PERCEBER QUAL A FINALIDADE DO PROFESSOR EM UTILIZÁ-LO	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
PARTE 3: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO.....	32
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

APRESENTAÇÃO

O intuito dessa pesquisa é instigar a problemática do ensino de Brasília-DF, fazendo o contraponto com a utilização de um recurso lúdico para melhorar esse quadro social. Para tal objetivo foi feita uma observação na Escola Viver, nome fictício, que é de cunho particular localizada no Distrito Federal durante um estágio não obrigatório.

Esse momento foi de suma importância para entender a relevância que faz um professor que se dedica à sua profissão, independentemente da estrutura econômica da Instituição, e direciona a sua aula de modo a deixá-la mais interessante e atraente através de recursos lúdicos. Neste sentido, acredito que faz-se indispensável e necessário à mudança da prática pedagógica, e essa pesquisa busca esse fim: fazer com que os educadores reflitam sobre a prática pedagógica e um dos caminhos que se sugere é a utilização da brincadeira no processo de ensino e aprendizagem.

Com o intuito de tentar responder a pergunta: “De que forma a brincadeira pode contribuir no processo de aprendizagem da criança?”, essa pesquisa se desenvolve pelo viés de analisar o seu impacto no processo de aprendizagem das crianças, tendo como norte os seguintes caminhos:

- Identificando a bibliografia referente à aprendizagem, os métodos pedagógicos e a relação com a brincadeira salientando a sua importância para o seu desenvolvimento.
- Mostrar a metodologia de um colégio particular de Brasília relacionando-a com a prática da brincadeira no espaço escolar;
- Conhecer como o uso da brincadeira está sendo utilizada pelos professores.

Esse estudo objetiva entender a importância da brincadeira para a compreensão de textos, exercícios e explicação no ato de lecionar do (a) professor (a) em relação aos estudantes; refletir sobre a utilização desse recurso e a metodologia do docente e da Instituição de ensino que facilitam no processo de aprendizado.

PARTE 1: MEMORIAL

UMA BRINCADEIRA DA HISTORIA

UMA BRINCADEIRA DA HISTORIA

MINHA VIDA

Sou a filha caçula entre nove irmãos, seis por parte de pai e de três por parte da mãe. Porém tive pouco contato com os filhos do meu pai, pois, como diz o ditado que “japonês não gosta de se misturar e é fechado” meu pai não quis que tivéssemos um contato mais próximo. Meu pai se chamava Taugio Inatomi e minha mãe: Emilia Moreira de Abreu. Duas figuras difíceis de esquecer e muito inspiradoras. Meu pai, um japonês e minha mãe uma baiana “arretada” que não consegue ficar quieta um minuto sequer.

Talvez por ser a filha mais nova, o meu pai sempre me encheu muito de carinhos e atenção, para mim, era tudo: meu pai, meu herói, meu professor, minha base e meu protetor. E minha mãe, oriunda de uma família humilde, e que teve que começar a trabalhar na roça cedo para ajudar os pais não tinha muita paciência e criatividade para fazer com os filhos, como por exemplo ir ao parque. Assim, não tinha tato para dar carinho ou ter uma conversa amigável conosco, contudo, “virava um bicho”, como diz no nordeste, se alguém ousasse ferir um de seus filhos.

Porém, quando tinha catorze anos de idade sofri uma grande perda. O falecimento do meu pai. Com isso toda a minha família foi reorganizada: meu irmão, com dezoito anos de idade, retomar os negócios do pai; minha irmã, com vinte e um anos de idade, prestes a concluir a faculdade teve que ajudar a sustentar a família e minha mãe, que sofre com uma forte tendinite no braço, causado por justamente trabalhar com artesanato, teve que ficar cuidando da casa.

Apesar disso, sempre fui muito feliz, pois tive a oportunidade de crescer em meio a pessoas maravilhosas e também em lugares que me proporcionaram a aprender muito.

Lamentavelmente e diferentemente das crianças de hoje, eu tive a oportunidade de conviver com outras crianças, subir em árvores, brincar com a terra, pega-pega, amarelinha e todas as outras brincadeiras que poderiam

surgir. Assim como ralar o joelho e cair de uma árvore, da bicicleta, brincar de pique - esconde no escuro e sair toda picada por insetos. Mas, admito que esses momentos só foram possíveis porque nasci e cresci em uma chácara localizada em Taguatinga, um Centro Administrativo do Distrito federal.

MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

O início da minha trajetória acadêmica ocorreu em uma escola de educação infantil localizada na cidade da Ceilândia-Sul - Brasília-DF. A entrada nessa instituição aconteceu quando eu tinha 3 anos de idade e pelo fato dos meus irmãos terem passado por lá, eu tinha maior liberdade do que eles para interagir com as pessoas e os espaços da escola. Anos mais tarde, por volta dos seis anos de idade, quando iniciou o meu processo de alfabetização e já tinha apreendido algumas coisas (contar até determinado número, conhecia as letras, além de algumas habilidades desencadeadas nessa fase), comecei a ensinar português e matemática para uma prima, a Irlanda, que tinha a mesma idade que eu, porém ainda não tinha ingressado no sistema de escolarização. Em seguida, quando a mesma começou a estudar, dividíamos e ministrávamos as aulas. Nossas alunas? Minhas bonecas e os nossos ursos de pelúcia.

Com o passar do tempo, nossas aulas foram ficando mais parecidas com uma escola comum: com chamadas, quadro negro, pasta para o professor administrar e planejar sua aula além de punições, caso o estudante não fizesse a tarefa que se propunha ou fazia bagunça... Alguns anos depois, a Irlanda, que era carinhosamente chamada de “Dora” foi embora para o interior da Bahia, me deixando com a “missão” de dar aula sozinha. Foi então que me interessei em “alfabetizar” meus vizinhos, que era um casal de idosos que até hoje não conhece o mundo da leitura e escrita. Contudo, devido as dificuldades deles e a necessidade de cumprir suas tarefas diárias o estudo foi trocado por outras prioridades.

Simultaneamente a esse período, houve também a mudança de escola, mudava somente o endereço, pois era da mesma rede de ensino e

para separar as modalidades de ensino mudava-se também a unidade. Nessa outra escola o meu processo durou uma média de 11 anos, período que se contemplou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Da primeira série do Ensino Fundamental I a quarta série, fui agraciada de ter professoras maravilhosas e que, com certeza, me marcaram e me inspiraram profundamente. Lembro-me que elas, principalmente a Fernanda (quarta série) e Alienice (terceira série) faziam muitas brincadeiras e levavam algumas brincadeiras e jogos. Lembro-me de chegar em casa contando as novidades ao meu pai toda empolgada...

Tempos depois, já no Ensino Médio, as disciplinas que mais me marcaram foram, sem dúvida nenhuma o português e posteriormente, no Ensino Médio, a Biologia e a Química. Os professores que ministraram essas disciplinas foram de suma importância para mim, pois além de terem sido ótimos mestres, se transformaram também em amigos. Talvez a dinâmica deles para obter melhores resultados de ensino fosse a boa relação com os alunos e planejamento de atividades mais atrativas.

Pelo fato de ter me encantado por outras áreas do conhecimento, ao final do terceiro ano do Ensino Médio, tive uma dúvida acerca do que seguir: trilhar no caminho das ciências, sendo, quem sabe um dia, bióloga ou química. Porém depois de muito refletir percebi que aquilo não era o que eu queria pra minha vida... Logo no final, prestes a fazer os exames para o ingresso no ensino superior, tive que decidir entre Nutrição e Pedagogia, pois a princípio queria dar aula, em contrapartida, a área da saúde me possibilitaria o contado com as estruturas biológicas e químicas de um sujeito, tema esse que eu adorava.

Por fim, decidi Pedagogia, mas não por falta de opção e sim por me interessar pela educação e gostar muito de crianças. Vale ressaltar que esse interesse se baseava no fato de gostar de ensinar. Pronto uni o útil ao agradável, porém demorou algum tempo para eu escolher, efetivamente, a

área que eu queria seguir dentro do curso, pois o curso é abrangente e por isso fácil de se confundir.

Depois de muito pensar acerca do tema de escolha, lembrei daqueles mestres que tanto me ajudaram, me ensinaram, me aconselharam e de uma certa forma me inspiraram. Então decidi focar em algo mais prático na educação, mas ainda não sabia em quê. Mas hoje já tenho um segmento, que também ao longo da graduação mudou, pois o início foi marcado com o desejo de me orientar para o ramo da gestão escolar, orientação educacional e afins e hoje dar aula.

Esse desejo fortaleceu-se no ano de 2013 quando comecei a fazer um estágio não obrigatório em uma Instituição particular, nomeada aqui como Escola Viver, localizada na Asa Norte- Brasília. No entanto, concomitantemente a esse momento fiz também um estágio de observação em uma escola pública e notei a falha e precariedade no ensino. Essas duas escolas foram determinantes para a minha escolha e fortaleceu o meu desejo de querer dar aulas para crianças de Ensino Fundamental I.

No que tange o universo acadêmico na Universidade de Brasília, poucas disciplinas abordavam a área que eu almejava que era relacionar a teoria com a prática para sala de aula. A maioria se baseava em teorias que eu considero importante, mas que não relacionava diretamente com a prática docente. Mas importante destacar que no primeiro semestre gostei muito de uma que tinha o propósito de elencar algumas das concepções teóricas a cerca do desenvolvimento do sujeito. A disciplina “Perspectivas do Desenvolvimento Humano- PDH” foi muito importante e interessante.

Mas foi somente no terceiro semestre que ocorreu o grande marco para o meu direcionamento, ou seja, a escolha da minha área de atuação no curso. Pois me matriculei em disciplinas, uma delas foi “O educando com necessidades educacionais especiais”. Foi um encanto! E “Ensino e Aprendizagem da Língua Materna”, que foi maravilhoso!

Mas foi com a “Educação Matemática I”, cursada no mesmo período, que percebi que as escolas brasileiras são muito carentes, mas não somente de investimento financeiro, mas também de metodologias inovadoras. Assim, entendi que transmitir um conteúdo de modo que o aluno possa ver, sentir e vivenciar fica muito mais fácil para o seu aprendizado. Essa conclusão deveu-se também a uma outra disciplina muito importante para a minha formação acadêmica e pessoal, que foi a “ Formas de expressão da criança de 0 a 6 anos”.

Umas das propostas da disciplina de Educação Matemática é a criação de jogos educativos. Esse fato foi o mais significativo para a área de meu interesse que é a brincadeira como um recurso facilitador da aprendizagem da criança no seu processo de desenvolvimento.

Simultaneamente a esses momentos, durante o Projeto 3, que recebe o nome de Economia Solidária e Educação, foi percebido nas observações de campo uma escola improvisada dentro de uma chácara que recebia famílias indígenas afim de proporcionar melhores condições, como segurança e saúde. Nesse espaço foi possível ver a precariedade de ensino (mais uma vez), mas com algo diferente, as professoras tinham motivação e criatividade e assim elas mostraram que era possível ensinar ao mesmo tempo que se aprendia com as próprias crianças e histórias comoventes delas.

Depois de percorrer todo esse trajeto acadêmico, tive certeza do campo de atuação, que era dentro de uma sala de aula. No início do curso tinha outro objetivo que era de delinear o curso para ser Diretor, Coordenador ou um Orientador Educacional, talvez por acreditar que essas profissões denotavam uma condição de status, tendo em vista que esses profissionais transmitem uma certa postura fiscalizadora e de imposição ao respeito.

No quinto semestre, comecei a direcionar o meu curso, de modo a contemplar as brincadeiras como uma “arma poderosa” para elencar o quadro da educação. Tal proposta era incentivada pelo Projeto IV - Projetos

Individualizados de Prática Docente- voltado para a formação de professores e como proposta pedagógica desenvolver um pré-projeto que delineasse uma vertente para a defesa no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

No sétimo semestre de graduação, tive a honra e felicidade de fazer as disciplinas de Educação Infantil e Atividades Lúdicas em Início de Escolarização, que me fizeram reforçar a idéia de que a brincadeira pode ser um meio que facilita, realmente, o processo de aprendizagem dos estudantes.

Importante ressaltar que durante a minha infância, sempre tive muita oportunidade de brincar e interagir com a natureza, pois nasci e cresci em uma chácara que proporcionara esses momentos.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA

No início do meu curso, ingressei em um estagio remunerado na Escola Viver (nome fictício), lugar este que foi preponderante para eu decidir o caminho a seguir no meu curso. Essa Instituição proporcionou vivências pedagógicas e lúdicas muito importantes para a minha formação.

Pelo fato da escola priorizar a afetividade, os professores adotavam na sua prática docente o uso das brincadeiras e esse fato foi muito motivador e interessante, pois essa questão sempre foi muito forte dentro de mim. Sempre gostei de liberdade e gostaria de atuar proporcionando isso para meus estudantes. Profissionalmente falando, cresci e aprendi muito com essa Escola. Fiquei dois anos nessa Instituição como estagiária, ou como eles (gestores) nos chamavam como Professoras Auxiliares.

Chegando ao final do curso, em meados do sétimo semestre tive uma surpresa que mudaria a minha vida para sempre. Fui contemplada com a dádiva e sonho de ser mãe. Já estava namorando uma pessoa acerca de três anos e já estava certa que iria casar porem com essa novidade tivemos que refazer nossos planos e traçar novos objetivos. Como priorizar a chegada da nossa filha, a Emanuelle. De que forma? Isso é uma constante descoberta para nós dois.

PARTE 2: MONOGRAFIA

A BRINCADEIRA COMO UMA PEDAGOGIA POSSÍVEL DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DAS SERIES INICIAIS

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de enfatizar a importância da brincadeira como um recurso facilitador no processo de ensino e aprendizagem de crianças do EFI.

Durante o desenvolvimento dessa obra, percebeu-se que esse recurso é de muito valia, pois além de facilitar o desenvolvimento e o processo de ensino e aprendizagem, também é divertido, desperta a curiosidade e a invenção. Segundo Horm (2012):

“Enquanto brinca, a criança transporta para a brincadeira o mundo real e vincula o brincar às regras que fazem parte do seu dia a dia. [...] {Dessa forma, ela faz o que mais gosta, mas, ao mesmo tempo, reconhece e reafirma seus limites, aprende a controlar seus impulsos imediatos, condicionando-se às regras estabelecidas socialmente”.

E para Freud, esse prazer que é despertado pela criança ao brincar é propulsor para que ela aprenda, pois é o desejo que move o aluno em direção ao conhecimento. Neste sentido, a escola juntamente com o professor tem um papel fundamental de fomentar na criança esse anseio pelo saber, de modo, a elencar diferentes maneiras de fazê-lo.

Na escola observada esses momentos são contemplados, porém não como uma metodologia e sim como uma especificidade na prática docente. Eles são apresentados, para as crianças do Ensino Fundamental I (EFI) como uma maneira de a criança internalizar com mais eficiência determinado conteúdo.

Assim, essa obra é espelhada no cotidiano pedagógico de uma escola privada de Brasília, que foi alvo de uma pesquisa a fim de demonstrar a utilização das brincadeiras na educação das crianças assim como refletir sobre o impacto que gerou.

Percebeu-se, a partir das observações e bibliografia que aborda a aprendizagem, a brincadeira no processo de ensino, que esse recurso é de total importância para a criança internalizar, de fato, determinado conteúdo, assim como um meio que facilita o seu desenvolvimento. Foi possível notar,

também, que a turma que o professor implementa esse tipo de atividade as crianças possuem maior relação afetiva com os colegas e professores, além de apresentarem melhor desempenho.

CAPÍTULO 1-

A BIOGRAFIA REFERENTE À APRENDIZAGEM, OS MÉTODOS PEDAGÓGICOS E A RELAÇÃO COM AS BRINCADEIRAS SALIENTANDO A SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO.

A palavra aprender é derivada do latim *apprehendere* e significa: ficar sabendo, reter na memória, tomar conhecimento de algo. Nesse sentido a aprendizagem está relacionada a um processo individual, variável e mutável.

O sujeito aprende em todos os momentos de sua vida, ou seja, desde o seu nascimento. Segundo a Revista Escola, o bebê através do esquema de sucção do leite materno já consegue diferenciar o seio da mãe, de outros objetos como o bico de uma mamadeira, chupeta e até o dedo. Nesse momento ele vai perceber também que, ao sugar ou mamar irá saciar sua fome.

De acordo com os autores da obra “A formação social da mente”, de 1991; a aprendizagem é um processo de suma importância para o desenvolvimento humano, pois desperta vários processos internos de desenvolvimento; trata-se de “um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas”. Porém esse processo só é possível quando:

[...] a criança interage com pessoas em seu ambiente e [...] em operação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. Desse ponto de vista, [...] o aprendizado [...] resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer.

No exemplo supra citado nota-se que a aprendizagem é uma forma de sobrevivência do indivíduo e também necessita da presença do outro.

Assim sendo, o indivíduo está em permanente processo de aprendizagem e segundo Vygotsky, esse fator requer a importância e interação com o outro. Ou seja, a aprendizagem não depende somente de elementos individuais, mas também de sociais. Nessa Perspectiva, torna-se indispensável e indissociável a presença do outro. De acordo com a obra “Psicologia da

Aprendizagem: processos, teorias e contextos”, e tendo em vista o conceito de aprendizagem é oriunda da palavra russa *obuchenie* que significa processo de ensino e aprendizagem; dessa forma tornando-se insustentável a não relação com o meio. Como ressalta na pagina 105:

É por meio de atividades em processos de interação com o ambiente social, as funções psicológicas vão se transformando, evoluindo, ocorrendo um gradativo domínio dos significados culturais, e um avanço dos modos de raciocínio realizados pelo sujeito.

Importante salientar que a aprendizagem ocorre em diversos ambientes, estruturados em ambientes formais como a escola e os não formais como os que ocorrem no cotidiano e no ceio familiar. Para Vygotsky essas duas formas de aprendizagem recebem o nome de Espontâneos e Científicos.

Segundo Vygotsky, na obra de Nunes e Silveira(2011): “a primeira forma de interação que a criança efetiva é marcada pelo uso de instrumentos dos quais o meio dispõe, que são os objetos e utensílios materiais, utilizados para manipular e modificar a realidade externa”, ou seja “o uso de instrumento objetiva uma mudança no meio, ocorrendo uma transformação externa”. Uma criança compreende o mundo através de pessoas, da linguagem, da escrita, do desenho e objetos que possuem funções e significados culturais. Ao utilizá-los, gera na criança a regulação do seu comportamento.

Nessa perspectiva e se relacionando a uma abordagem onde o outro tem importância no processo de ensino e aprendizagem, a interação social é de extrema importância na formação da consciência humana; de modo que o indivíduo, ao utilizar o signo, atua, planeja, reflete e compreende melhor a realidade.

Um fator relevante e predominante a se considerar, é defendido por Freud, que salienta que a aprendizagem ocorre quando o indivíduo sente prazer em aprender e que a prática pedagógica e a relação com o outro é de suma relevância nesse processo. Segundo a obra de Nunes e Silveira(2011):

O desejo de aprender move o aluno em direção ao conhecimento, à busca constante de um saber. Esse caminho inclui uma história subjetiva, um passado implícito [...], mas também uma atualidade, que é a relação com o outro, com o

professor. E é esse intercambio que permite um sentido novo à aprendizagem do aluno[...].

Salientando a importância do outro e a vontade de aprender ou o prazer em fazê-lo, e desta forma defendendo alguns pontos de aproximação com a linha do construtivismo tendo como principais autores Lev Semenovitch Vygotsky e Henri Wallon.

A abordagem histórico-cultural de Vgotsky tem como base epistemológica, segundo Nunes e Silveira (2011), “a investigação dos processos psicológicos humano. [...] Extrai da idéia de que o ser humano é um realidade concreta e sua essência é construída nas relações sociais”.

De acordo com Nunes e Silveira (2011), o segundo autor tem o objetivo de compreender a gênese dos processos psíquicos do ser humano, considerando que o desenvolvimento do sujeito inclui a afetividade como um viés. Esse conceito engloba vários processos como o falar, pensar, o mover-se, o desejar e a emoção que é a manifestação da vida afetiva.

Porem considerando que o desenvolvimento humano e o seu processo de aprendizagem ocorrem de forma singular, ou seja, cada indivíduo se relaciona em diferentes ritmos e de maneiras diversificadas. Essa noção é compreendida na obra de Nunes e Silveira quando descreve a teoria walloniana que diz que:

“a duração de cada etapa e as idades correspondentes são variáveis, pois estamos diante de uma concepção de desenvolvimento que enfatiza os processos interacionistas da criança com o meio social e, não, uma lógica linear referente apenas ao fator etário (cronológico)”.

Sendo assim, entende-se que uma importante forma da criança se desenvolver acontece com a interação com o meio e essa, desencadeia o processo de desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo. Tendo esse conceito como propulsor dessa obra, enfatiza-se a importância do outro, nesse caso o professor tendo como metodologia e prática a utilização de brincadeiras como facilitador da aprendizagem.

Porem, o que acontece em muitas escolas é que a brincadeira é importante apenas como uma atividade que não tem muito a oferecer à aprendizagem. Essa idéia fica notório na obra “Pedagogia do brincar”, de 2012. A autora começa enfatizando que na escola “só se brinca se sobrar tempo ou na hora do recreio, sendo que esses momentos correm o risco de serem suprimidos, seja por má conduta, seja pelo fato de o aluno não ter feito a tarefa de casa ou ainda pelos professores não terem tempo para isso”. Este trabalho tem, justamente, o intuito de mostrar que é possível aprender brincando e que o ato de brincar também proporciona aprendizagem.

Segundo Angela Cristina, na obra “Brincar: Prazer e aprendizado”, o brincar está relacionado à comunicação e expressão, atividade exploratória, ajuda no desenvolvimento físico, mental, emocional e social, além de ser uma forma de aprender a viver. A autora salienta ainda que não é um simples passatempo, contrapondo-se a realidade de muitas escolas e como citado no exemplo acima.

Nota-se que em muitas escolas e até mesmo alguns pais não dão importância ao ato de brincar, pois acreditam que esse momento “mal gasto” poderia ser substituído por um de aprendizagem. Como é o caso de muitos pais de uma escola particular de Brasília, que não admitem que seus filhos “percam tempo” brincando, pois estes pagam para que esse tempo seja melhor aproveitado, ou seja, estudando de forma tradicional. Vale ressaltar que muitos desses estudantes possuem uma carga horária de no mínimo 10 horas dentro da Escola. Os mesmos realizam atividades o horário contrario as aulas.

Para Bettelheim (1988, apud MALUF, Angela Cristina M., 2012, p. 19) o “brincar é muito importante: enquanto estimula o desenvolvimento intelectual da criança, também ensina, sem que ela perceba, os hábitos necessários a esse crescimento”. e como reforça Malluf (2012) na mesma pagina:

Brincar é tão importante quanto estudar, ajuda a esquecer momentos difíceis. Quando brincamos, conseguimos [...] encontrar respostas a varias indagações, podemos sanar dificuldades de aprendizagem, bem como interagirmos com nossos semelhantes [...] {, pois} desenvolve os músculos, a mente, a sociabilidade {e} a coordenação motora.

Tendo esse viés e o fato de ser uma atividade prazerosa para a criança, a brincadeira desencadeia importante papel na formação social, afetiva e intelectual da a criança, além de ser uma necessidade. Segundo Malluf, na pagina 21, afirma que ao brincar a criança exercita suas potencialidades, provocam o funcionamento do pensamento, adquire conhecimento, desenvolve a sociabilidade, o intelectual, o social e o emocional.

Neste sentido, pôde-se notar através de experimentos feitos com os garotos alvos da minha observação que ao brincar, eles se “libertaram de uma carapaça” que eram “obrigados” a manter, pois o ambiente escolar é o lugar onde ensina-se de uma forma sistemática os conteúdos importantes para a vida. Contudo, ao aplicar os jogos (xadrez, torre de Hanói, torre de equilíbrio e outros) eles descansaram e foi possível ver o comportamento da classe mudar.

Antes, era uma turma agitada e que não respeitava muito as regras e os combinados que se estabelecia na sala. Depois da oportunidade de poderem ser mais livres, crianças mais calmas, obedientes, unidos e que melhoraram muito na questão pedagógica.

Vale ressaltar que a proposta que se baseia essa obra é que a brincadeira faça parte do cotidiano das crianças e que a simples aplicação de jogos sem intencionalidade não satisfazem esse fim. Na perspectiva vygotskyana o jogo é considerado “um importante instrumento para favorecer a aprendizagem na criança” (1994, apud MUNIZ, Cristiano A., 2010, p. 13).

CAPÍTULO 2-

2.1- DISCUTIR A METODOLOGIA DE UM COLÉGIO PARTICULAR DE BRASÍLIA RELACIONANDO-A COM A PRÁTICA DA ESCOLA.

O material de pesquisa para aprofundamento teórico e prático dessa obra foi permeado na Escola Viver (nome fictício), que é do tipo privada do Distrito Federal. A mesma existe há quase duas décadas e é considerada, popularmente, como uma das melhores da Cidade.

Em sua página virtual, sugere que a sua proposta pedagógica apresente uma abordagem calcada nas lições e valores como: formação integral, relação de afetividade entre professores/alunos, cultura da solidariedade e da paz, cultivados pelo viés da crença e acreditando que todo sujeito tem potencial para aprender. Esses preceitos são legados do fundador da Rede Educacional, que era cristão.

Assim, como Freud pontua a importância do prazer como um propulsor de uma ação, a afetividade é uma motivação, um caminho para alcançar algum objetivo. Segundo Ravagni(1994), essa relação de afetividade é de grande valia para o desenvolvimento da criança, uma vez que é exteriorizada através da emoção, e essa proporciona as relações sociais. segundo Wallon, no livro de Nunes e Silveira (2011), “a emoção é percebida como elemento que contagia, mobiliza o outro, assim como produz efeito próprio sujeito”.

Na prática esses itens são facilmente notados, uma vez que a escola prioriza posturas dos docentes em relação aos estudantes, como por exemplo, o uso da segurança nas palavras, firmeza nas atitudes e principalmente a acolhida baseada sempre na afetividade. Nitidamente, vê-se o interesse dos professores em conquistar esses objetivos. Porém nota-se também cansaço em muitos deles, devido às demandas da escola em promover eventos, confecções de murais, portfólios, além de planejamento das atividades diárias.

Nota-se também que os professores, utilizam muitos recursos lúdicos, dos jogos e das brincadeiras com o cunho de facilitar a aprendizagem dos estudantes e também como um passatempo. No entanto as abordagens das brincadeiras são diferentes, na Educação Infantil, por exemplo, as brincadeiras são mais voltadas para o aperfeiçoamento motor, inserção e apreensão de regras e passatempo.

Já para os maiores, do Ensino Fundamental I, os jogos e as brincadeiras têm o caráter mais pedagógico, no sentido de facilitar a internalização de algum conteúdo. Dessa forma, é administrado pelo professor com intencionalidade de fomentar o aprendizado pleno dos estudantes em determinada área do conhecimento.

Segundo Vygotsky, a internalização é uma construção interna resultado de uma atividade externa. É um processo interpessoal que se transforma em um intrapessoal. Esse processo é resultado de muitos eventos que ocorrem com o indivíduo ao longo do seu desenvolvimento. (Vygotsky, 1991).

Tendo esse viés, a escola adota a metodologia que visa a utilização de projetos de trabalho a fim de favorecer a expressão pessoal dos alunos. Tentando promover uma educação que se preocupa de forma singular com os estudantes, fomentando uma aprendizagem em que ele tenha um papel ativo no seu processo. Esse fator, para Vygotsky é de suma importância e é apresentado na obra de Nunes e Silveira que:

Aprendizagem [...] é um processo de apropriação de conhecimentos, habilidades, signos, valores, que engloba o intercâmbio ativo do sujeito com o mundo cultural onde se está inserido.

Esses projetos são elaborados e executado por professores de alguma área específica ou pelos regentes de cada turma. Como foi o caso do Projeto da Horta, onde a professora, juntamente com docentes de áreas, como da Ciências ministraram aulas específicas afim de sanar duvidas e curiosidades dos estudantes sobre os cuidados e manejos com a horta. Com o intuito de

realmente internalizar o conteúdo, os alunos freqüentavam a horta localizada na própria escola e ao longo do projeto, o professor desenvolvia brincadeiras.

Esses meios de fomento à aprendizagem foi de tanta valia que o Projeto acabou, porém as atividades e visitas a horta continuaram, mas com menos freqüência. As brincadeiras renderam um maior cuidado dos alunos para com a natureza e a horta, pois propiciaram um momento de lazer, vivência com o objeto de estudo e principalmente, maior internalização dos conhecimentos.

Segundo Nunes e Silveira (2011), “para que a escola introduza novos conceitos a serem aprendidos, não é preciso que determinadas capacidades intelectuais estejam presentes nos alunos”. E que:

A escola, pela especificidade de lugar de (re) reconstrução de significados culturais e históricos, pode fornecer condições concretas para que o desenvolvimento potencial torne-se real.

Segundo Vygotsky (2001, apud VYGOTSKY, Nunes e Silveira, 2011, p. 112), isto é “um sadio ensino escolar”.

Importante enfatizar que a escola tem como princípio de avaliação o desenvolvimento de habilidades, ou seja, a abordagem quantitativa não é contemplada pela Instituição e sim se o estudante atingiu determinada habilidade como, por exemplo, o domínio lógico para resolver uma questão. Ou seja, caso o garoto tenha atingido a nota média em um determinado período, mas a docente interpretou que o mesmo não possuía a habilidade exigida para o conteúdo, a mestre pode reter o menino, até que ele recupere tal aptidão.

Desta forma, percebe-se mais uma vez a dificuldade que o professor tem em lecionar, levando-o a buscar alternativas viáveis e de fácil compreensão para seus estudantes. Por isso, a utilização de recursos, como a brincadeira.

2.2- IDENTIFICAR A UTILIZAÇÃO DESSE RECURSO PEDAGÓGICO PARA OS ESTUDANTES DE MODO A PERCEBER QUAL A FINALIDADE DO PROFESSOR EM UTILIZÁ-LO

As observações foram realizadas na Escola Viver (nome fictício) durante um período de dois anos. Na Instituição, foi contemplado turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, turmas com crianças de 3, 5 e 6 anos. As primeiras são denominadas na Instituição como os Níveis I e III e a ultima primeiro ano do Ensino Fundamental. Ressalta-se que, na Instituição há a rotatividade dos estagiários.

Durante esse período observando na escola Viver (nome fictício), foi possível notar as varia formas de utilização da brincadeira, diferindo-se de acordo com a turma, intencionalidade no sentido de abarcar situações pedagógicas e momentos de descontração. O primeiro citado refere-se ao fato de a pratica docente se diferenciar a depender da turma que está, ou seja, na educação infantil percebe-se que o interesse do professor em definir tal recurso, está em fazer a criança se desenvolver fisicamente. Nesses momentos as atividades contribuem mais no fomento a melhor coordenação motora, espacialidade, lateralidade, afetividade e social.

São então desencadeadas brincadeiras como: caça ao tesouro, corda bamba, pula corada, pega-pega, ovo de colher, corrida de saco, alem dos que surgem naturalmente, como as brincadeiras de faz de conta. Interessante perceber que a professora aproveitava esses momentos para elencar algum conceito, como por exemplo, a higiene e o respeito ao outro, contemplando a questão de gênero.

A intencionalidade variava de acordo com o conteúdo a ser estudado, como já foi mencionado. No entanto, percebe-se que, a brincadeira no Ensino Fundamental, são desenvolvidas e planejadas pelos docentes com um caráter de internalizar os conteúdos propostos pela Instituição. Ou seja, percebe-se que este recurso era mais utilizado para internalizar, reafirmar e fortificar o novo conhecimento. Era utilizado como uma estratégia para fechar o ciclo. Diferenciando-se da Educação Infantil que tinha no próprio processo de ensino e aprendizagem a brincadeira como um caminho.

No entanto, foi nítido notar que nas modalidades de ensino que a escola propunha, que foram alçadas pela observação, a brincadeira sempre era usada também como uma atividade livre.

3. Considerações finais

Esta pesquisa tem o objetivo de fazer uma análise acerca da prática educativa salientando a importância da brincadeira no processo de ensino e aprendizagem da criança. Tendo como referencial teórico Vygotsky, Freud, Cristiano Alberto Muniz, Piaget, Nunes e Silveira, Horn e Wallon.

Tendo como viés a observação, durante dois anos, de uma rotina em uma escola particular de Brasília, nomeada neste trabalho como Escola Viver. Mais especificamente em três turmas: duas da Educação Infantil e uma do Ensino Fundamental I. Onde contemplou-se mais a prática docente no sentido de fomentar a brincadeira como um recurso didático.

Com base no referencial teórico e prática observada ao longo de quatro semestres nessa escola, pode-se afirmar a importância da utilização de recursos que aproximam o estudante do objetivo, que é a sua aprendizagem. Neste caso, a brincadeira.

Acredita-se que a criança aprenderá com mais afinco e vontade se ela assim o desejar. Logo, envolvendo-a em um contexto lúdico, através do uso da brincadeira com o propósito de ajudá-la a entender determinado conteúdo. Para Freud esse desejo de aprender é uma pulsão para alcançar um objetivo que é a aprendizagem relacionando-se com Vygotsky, na obra de Nunes e Silveira (2011) que diz que é um processo de apropriação “conhecimentos, habilidades, signos, valores, que engloba o [...] sujeito com o mundo cultural onde se está inserido.

Acredita-se que o brincar proporciona esses passos propostos por Vygotsky. Horn (2012), em sua obra, afirma que a criança transfere para a brincadeira o mundo real e vincula o brincar às regras que fazem parte do seu dia a dia. Assim, fazendo o que mais gosta, que é brincar, ela “reconhece e reafirma seus limites, aprende a controlar seus impulsos imediatos, condicionando-se às regras estabelecidas socialmente”.

Na Escola Viver, percebe-se que a brincadeira é comum na prática docente e assumem diferentes papéis, como: passatempo, método facilitador

da aprendizagem das crianças e recurso que fomenta o desenvolvimento em diferentes vertentes (motor, social e afetivo). Porém, dependendo da abordagem e situação a professora fazia interferência e orientações.

Segundo Vygostky, essa relação é de suma importância para o desenvolvimento do sujeito, pois é através da interação que ele vai se transformar, evoluir no domínio dos significados e avançar nos modos de raciocinar.

Contudo, pode-se notar que a Escola objetiva salientar o desenvolvimento e aprendizagem plena do sujeito, contemplando a afetividade como um viés para abarcar tal fim. Na prática, a afetividade é reforçada por meio da brincadeira em diferentes momentos: atividade livre e direcionada pelo professor.

Conclui-se que a postura e o papel do professor é fundamental nesse processo, pois o mesmo deve facilitar e oferecer meios para a aprendizagem, ele também deve estabelecer uma relação afetiva com o estudante afim de fazê-lo, de fato, alcançar os objetivos.

Apesar de a escola dar oportunidade para o professor administrar a sua aula de modo a contemplar o uso das brincadeiras, nota-se ausência da Escola no sentido de incentivar mais esse tipo de manifestação docente, tendendo a fazê-lo somente em projetos internos propostos pela Instituição. Por isso, faz-se necessário também que o ambiente de ensino ampare esses momentos no seu Projeto Político Pedagógico – PPP e proposta pedagógica que defende essa ação abarcando o conceito de afetividade.

Vale ressaltar ainda que a escola tem um papel fundamental de mediar o conhecimento do aluno, além de contribuir para a sua formação afetiva, intelectual, emocional e social.

Parte 3: Perspectivas para o futuro

Sinto-me muito realizada e feliz por ter tido forças para concluir o tão sonhada e esperada graduação, principalmente, por ter tido o privilegio de formar-me uma pedagoga em uma Instituição bastante conceituada e importante. Concluir mais essa etapa é muito valoroso para mim, pois me proporcionou o contato com a sala de aula, que eu almejava, e também alavanque profissional.

Contudo, pretendo especializar-me em um curso que fomente melhor atuação docente, de modo a, de fato, elevar o nível de aprendizado dos meus estudantes. E um dia, ingressar-me no mestrado, pois entendo que é fundamental que o profissional da educação sempre invista na sua formação, afim de manter-se atualizado.

Referencias bibliográficas

FERNANDES, Elisângela. Revista Nova Escola. 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/esquemas-acao-piaget-sujeito-epistemico-jean-617999.shtml>> Acesso em 19 de Abril de 2015.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991

NUNES, Ana Ignez B. Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da aprendizagem**: processos, teorias e contextos. 3.ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

MALUF, Angela Cristina M. **Brincar**: prazer e aprendizado. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Monografia:

CARVALHO, Anne R. P. de.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

TOURINO, Rita de Cássia C. T., **A importância e o significado do brincar**, Brasília, 2013.

BARROS, Flávia Cristina O. M. de, **Cadê o brincar?** Da educação infantil para o ensino fundamental. Unesp, São Paulo, 2009

NICOLINI, Eduardo O. R. **Afetividade**: Pressuposto de uma Educação de Qualidade. Revista Integração MEC/Secretaria de Educação Especial, Brasília. Dezembro de 1994